

GINÁSTICA E ÉTICA NA ESCOLA: APONTAMENTOS PARA COMPREENDER A CONVIVÊNCIA HUMANA¹

Leonardo Rocha da Gama, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Rio Grande do Norte - Brasil

RESUMO

O cotidiano docente nos invoca constantemente a responder questões que cercam a ação educativa, o que constitui exercícios de ética e de política de nós professores. Considerando a responsabilidade que nos é apresentada em circunstância da perspectiva que criamos quanto a formação de nossos alunos, considerando a Escola Municipal Terezinha Paulino como palco do cotidiano docente a qual investimos, e por fim, o Grupo Ginástico dessa escola (GGTP), como prática pedagógica, nos cercamos das seguintes questões: 1. Quais os indicadores éticos presentes na experiência vivida pelos integrantes do GGTP? 2. Qual o sentido destes indicadores para os integrantes do GGTP? 3. Esses sentidos configuram uma dimensão sociopolítica da formação dos sujeitos envolvidos? Que dimensão sociopolítica é essa e qual a sua contribuição para pensar a Educação Física na escola? A partir destas questões, destacamos nossos objetivos nessa pesquisa: investigar a experiência educacional vivida no GGTP, tendo como enfoque os elementos éticos que as caracterizam, bem como refletir a relação desses elementos na dimensão sociopolítica da Educação Física na escola. Visando responder as questões iniciais e alcançar nossos objetivos, recorreremos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004) como aporte metodológico dessa pesquisa. A partir do mesmo foi que chegamos aos dois eixos de discussão aqui relacionados: condutas relacionais da convivência e condutas relacionais indesejáveis e não-sociais. Perpassa a discussão desses eixos, o conjunto de conhecimentos produzidos por Paulo Freire e por Humberto Maturana, ora relacionado à alguns de seus principais parceiros, José Varela, Gerda Verden-Zöller e Sima Nisis de Rezepka. No fim dessa pesquisa apontamos algumas possibilidades para a prática da ginástica e da Educação Física escolar, assim como, para pensar a educação pelo viés da formação humana.

Palavras-Chave: Ginástica, Escola; Ética.

GYMNASTIC AND ETHICS IN SCHOOL: INDICATIONS FOR UNDERSTANDING HUMAN ASSOCIATION

ABSTRACT

The daily teaching invokes us to answer questions that surround the educational action, they are ethic and political exercises of us teachers. Considering the public school Terezinha

¹ O presente texto é resultado de uma pesquisa realizada entre os anos de 2007 e 2009, orientado pela Profa. Dra. Karenine de Oliveira Porpino, como requisito final de titulação de Mestre do Professor Leonardo Rocha da Gama. O relatório dessa pesquisa foi apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPgEd), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, RN, em setembro de 2009.

Paulino as stage of the daily teaching which we invested, and finally, the school gymnastic group (GGTP), as pedagogical practice specifically attended during this study, we launch the following questions: 1. What are the ethic indicators present in the experience lived by GGTP members? 2. What's the meaning of these indicators for the GGTP members? 3. Do these meanings configure a socio-political dimension of the individuals involved formation? What socio-political dimension is that? And What is its contribution to think of Physical Education in school? From these issues, we highlight our goals in this research: investigate the educational experience lived in GGTP, with a focus on the ethical elements that characterize and reflect the relationship of these elements in the socio-political dimension of Physical Education in school. To answer the initial questions and achieve our goals, we use the Content Analysis (BARDIN, 2004) as a methodological contribution of this research. From this methodological contribution we got two strands of the discussion here related: relational behavior of living and undesirable relational conduct and non-social. Permeates the categories discussion, The group of knowledge produced by different authors, Humberto Maturana predominate among them, sometimes related to some of its main partners, , José Varela, Gerda Verden-Zöllner and Sima Nisis de Rezepka. Although less frequent, we broach other authors, including Paulo Freire, to enlarge, articulate, and thus contribute to support the notes, contents of this study. Finally, we point out some possibilities for the gymnastic practice and physical education at school, as well as to think about education by training human bias.

Key-Words: Gymnastics, School, Ethics.

GIMNASIA Y ÉTICA EM LA ESCUELA: INDICACIONES PARA ENTENDER LA ASOCIACIÓN HUMANA

RESUMEN

El cotidiano docente nos invoca a contestar cuestiones que rodean La acción educativa, lo que constituye ejercicios de ética y de política de nosotros profesores. Considerando la Escuela Municipal Terezinha Paulino como escenario del cotidiano docente la cual invertimos, y por fin, el Grupo Gimnástico de esa escuela (GGTP), como practica pedagógica, específicamente tratada en el transcurrir de ese estudio, lanzamos manos de las siguientes cuestiones: 1. ¿Cuáles los indicadores éticos presentes en la experiencia vivida por los integrantes del GGTP? 2. ¿Cuál el sentido de estos indicadores para los integrantes del GGTP? 3. ¿Esos sentidos configuran una dimensión socio-política de la formación de los sujetos envueltos? ¿Qué dimensión socio-política es esa y cuál es su distribución para pensar la Educación Física en la escuela? A partir de estas cuestiones, destacamos nuestros objetivos en esta pesquisa: investigar la experiencia educacional vivida en el GGTP, teniendo como enfoque los elementos éticos que las caracterizan, bien como reflejar la relación de estos elementos en la dimensión socio-política de la Educación Física en la escuela. Visando contestar a las cuestiones iniciales y alcanzar nuestros objetivos, recorrimos a la Análisis de Contenido (BARDIN, 2004) como aporte metodológico de esa pesquisa. A partir del mismo fue que llegamos a los dos ejes de discusión aquí relacionados: conductas relacionales de convivencia y conductas relacionales indeseables y no sociables. Para ampliar articular los contenidos de ese estudio, usamos el conjunto de conocimientos producidos por distintos autores, entre ellos predomina Paulo Freire y Humberto Maturana, ora relacionado a algunos de sus principales

compañeros, José Varela, Gerda Verden-Zöllner y Sima Nisis de Rezepka. Por fin, apuntamos algunas posibilidades para la práctica de la gimnástica y de la Educación Física escolar, así como, para pensar la educación por el bien de la formación humana.

Palabras-Clave: Gimnasia; Escuela; Ética.

INTRODUÇÃO

Observamos diferentes versões que organizam o entendimento da Ginástica, em suas múltiplas possibilidades de pensar, tratar e fazer essa prática na escola, entre elas a Ginástica Geral (GG) ou, para usar uma expressão mais recente, a Ginástica Para Todos (GPT). Compreendemos que a GG permite uma gama de investimentos nos diferentes campos do lazer e da educação. Nesse estudo, estaremos tratando especificamente a ginástica geral no campo escolar.

Observamos ainda diferentes apostas no que se refere à GG. Em comum seguem as seguintes características: constitui compreender que a ginástica geral se caracteriza por não apresentar código gestual próprio, por apresentar aspectos de ordem social e política, por agregar e articular em seu campo pedagógico diferentes expressões da Cultura de Movimento, e, por fim, por garantir a participação, a inclusão e o espaço aos diferentes grupos humanos.

Meio as características que cercam essa atividade corporal, destacamos as de ordem social e política. Compreendemos que cerca a prática da GG, um conjunto de valores éticos que se materializa no convívio dos diferentes atores sociais que dela se beneficiam. Assim, pensar essa prática na escola como uma ação formativa que, articulada a escola pública brasileira, pode contribuir de forma significativa para a qualidade da formação humana e de cidadãos mais éticos.

Nesse sentido, lançamos o olhar para dentro de uma prática pedagógica em ginástica geral no chão da escola pública, a saber: o Grupo Ginástico da Escola Municipal Terezinha Paulino², especificamente para o conjunto de relações que se desenrolam no convívio dos sujeitos desse grupo. Voltados para o GGTP, elegemos as relações que se dão nesse ambiente escolar e o tipo de convivência que envolve professor e alunos.

O Projeto Ginástico da Escola Municipal Professora Terezinha Paulino de Lima (ProGin) nasceu em março de 2004, cujo objetivo estava em favorecer a realização de um trabalho que

² A Escola Municipal Professora Terezinha Paulino de Lima (EMTP) está localizada no Conjunto Habitacional Parque dos Coqueiros, localizado no bairro Nossa Senhora da Apresentação, zona norte de Natal, RN. A EMTP possui aproximadamente mil e oitocentos alunos matriculados nos três turnos, divididos entre os anos finais do ensino fundamental e a educação de jovens e adultos (EJA). Nela são desenvolvidas diferentes projetos e ações pedagógicas, entre elas o ProGin.

envolvesse e articulasse diferentes expressões, entre elas a dança e a ginástica, numa perspectiva educacional. Constitui as metas do ProGin: ampliar o conjunto de conhecimentos corporais, a partir do domínio das diferentes técnicas da ginástica e da dança, o exercício da criatividade, do pensamento crítico e da autonomia dos alunos/ginastas, o cultivo de uma convivência baseado nos princípios da cooperação, da benevolência e do altruísmo, e por fim, a criação e apresentação de espetáculos. O conjunto de fatores articulado a uma proposição educacional são o que justifica nossa opção pelo Grupo Ginástico da Terezinha Paulino (GGTP) como locus desta pesquisa. A seguir, lançamos as questões de estudo e os objetivos que orientam essa pesquisa.

1. Quais os indicadores éticos presentes na experiência vivida pelos integrantes do Grupo Ginástico Terezinha Paulino?
2. Qual o sentido destes indicadores para os integrantes do Grupo Ginástico Terezinha Paulino?
3. Esses sentidos configuram uma dimensão social e política da formação dos sujeitos envolvidos? Que dimensões sociais e política são essas e quais a suas contribuições para pensar a Educação Física na escola?

Lançamos mão dos seguintes objetivos: investigar a experiência educacional vivida no Grupo Ginástico Terezinha Paulino, tendo como enfoque os elementos éticos que as caracterizam, bem como refletir a relação desses elementos na dimensão social e política da Educação Física na escola.

As questões e objetivos anteriores nos conduzem discutir uma experiência pedagógica em ginástica geral na escola pública, com um olhar voltado para as questões de ordem ética, na busca de elencar possíveis contribuições nas dimensões social e política da formação humana. Compreendemos ser essa uma oportunidade de sistematizar e contribuir para a produção de conhecimento em Educação a partir de uma ação do profissional de Educação Física com ginástica geral no ambiente escolar. Justificam ainda essa pesquisa: a contribuição que os resultados apontam quanto à continuidade da formação de seus integrantes, no qual inclui o professor; no redimensionamento e no aproveitamento das ações educativas e na produção do conhecimento que pode referenciar outros educadores.

Entre outros elementos do conjunto de importâncias estão: a oportunidade de nos debruçar sobre a experiência docente no grupo investigado, no espaço de uma escola pública e de periferia, do município de Natal, RN, sobretudo, revelando aspectos de um fazer educacional e de uma convivência, enquanto projeto de mundo, que se ergue a partir de princípios éticos e da prática da ginástica geral, revelados na experiência dos seus componentes; a oportunidade de apontar aspectos de experiências diversas (no caso dos sujeitos investigados), como parte de realidades, projetos existenciais distintos, e de uma existência coletiva (o GGTP) que se replica em outras realidades.

Expomos que o Estado da Arte para o desenvolvimento dessa pesquisa foi publicado no V Fórum Internacional de Ginástica Geral, realizado na cidade de Campinas, SP, em 2010, cujo título é O ESTADO DA ARTE EM GINÁSTICA GERAL (GINÁSTICA PARA TODOS) NO TOCANTE A ESCOLA, A ÉTICA E A FORMAÇÃO HUMANA: CONBRACE (2001 - 2007) E FIG (2007).^{1:198}

Encontramos na análise de conteúdo² a possibilidade metodologia para essa pesquisa. O *Corpus de análise* é composto pelo material produzido e publicado no livro *Ginástica Geral na Escola Pública – anotações e saberes de um conviver pedagógico*. A partir desse material chegamos aos dois eixos de discussão aqui relacionados: *condutas relacionais da convivência e condutas relacionais indesejáveis e não-sociais*. São próprios das *condutas da boa convivência*: união, cooperação, solidariedade, fraternidade, conversa, diálogo, amor, confiança, responsabilidade, compromisso, dedicação, aplicação, respeito, partilha, compartilhar, gratidão, companheirismo, benevolência. Correspondem as *condutas indesejáveis ao bom convívio*: intriga, contenda (disputa), vaidade, arrogância, raiva, ira, fúria, nervosismo, ansiedade e medo.

Na busca de constituir o aporte teórico para sustentar nossas reflexões, a partir da articulação de saberes que perpassam a ação pedagógica sobre a qual nos debruçamos e a existência de um conjunto de conhecimentos produzidos na articulação das áreas de natureza e cultura, recorreremos a Humberto Maturana e alguns de seus principais parceiros, José Varela, Gerda Verden-Zöllner e Sima Nisis de Rezepka. Recorreremos ainda à Paulo Freire no intuito de ampliar, articular e, assim, contribuir para alicerçar os apontamentos, conteúdos desse estudo no campo da Educação.

I. ÉTICA: COMPREENSÕES TEXTUAIS

Somos herdeiros de um legado cultural que se propaga através do tempo. Entre a herança cultural destacamos a Ética. Em *Ética, a arte do bom*,³ é possível perceber a ética a partir de três grandes vertentes relacionadas à razão humana, a saber: Deus e religião (teísmo), Deus sem religião (deísmo) e nem Deus nem religião (ateísmo). Na perspectiva teísta a razão Criadora é mãe da razão humana a partir dos códigos revelados do judaísmo, cristianismo e islamismo. No deísmo a razão humana é parte da razão cósmica, muito comum nas filosofias cósmico-espiritualistas do Oriente e no Platonismo. Diferente da perspectiva ateísta edificada principalmente no Racionalismo iluminista-materialista. Esse legado constitui uma fração do que se tem produzido sobre Ética ao longo da História. Em comum, o que podemos tomar na produção dos grandes filósofos é que o **bom** está posto como objeto da Ética, o que não exclui a compreendemos de que toda forma de expressão ética está diluída de alguma maneira no cotidiano da vida social na qual estamos inseridos. Assim, sem desconsiderar o que está posto na Ética tradicional, compreendemos que a essência dos diferentes modos de ver e de se mover no mundo, numa perspectiva moral, consiste na afirmação de condutas que ocorre no convívio social.⁴⁻¹⁰

Morin,¹⁰ aponta as unidades indivíduo-sociedade-especie, natureza-cultura e individual-coletivo, para uma outra perspectiva de se pensar ética. Para o autor,¹⁰ a articulação da história da vida com a história da cultura e da história individual de cada pessoa, constitui o espaço para se pensar a ética, porque “a ética se manifesta em nós e de forma imperativa, como exigência moral”.^{10:1} Assim, a ética, na concepção moriniana, constitui-se como um campo de diálogos possíveis, entre natureza e cultura, e entre, indivíduo e sociedade. Constitui de forma interligada esse *imperativo ético*, uma fonte interior ao indivíduo, que se manifesta como um dever, uma externa constituída pela cultura, e por fim, uma fonte anterior, cuja origem corresponde a uma ordem biológica.¹⁰ Nesse sentido, iniciamos nossa reflexão sobre ética pensando na nossa condição, o entendimento de quem somos e de que forma estamos no mundo.

Preservado entre nós o pensamento de que somos a religação dos diferentes entendimentos, a amalgamação entre os diferentes discursos do corpo. Somos um conjunto de matéria sensível que existe em movimento e com o outro, no tempo e no espaço, convivendo e

mediando, produzindo ou descansando, somos parte natureza, parte cultura. Afirmar nossa condição natural não quer dizer negar a nossa condição cultural e vice-versa; principalmente quando entendemos, nessa perspectiva, que ser uma coisa implica imediatamente ser a outra.

Somos homo sapiens, enquanto discurso biológico, e somos humanos, enquanto discurso antropológico. Portanto, somos inicialmente discursos de nós mesmos. Estes discursos servem em parte para nos distinguir das demais estruturas vivas, para negar nossa condição animal, mas, o curioso que quanto mais tentamos, mas ficamos implicados na nossa condição primeira dentro do contexto em que existimos, pois não são apenas nestes discursos que existimos e coexistimos, mas no espaço, no tempo, na vida. É nesse sentido que constituiremos nossa reflexão sobre ética, numa perspectiva de coexistência, possibilidade em que encontramos espaço para a amalgamação das compreensões que cercam as interações, a linguagem, as condutas e os afazeres humanos.

Estaremos considerando e utilizando no decorrer desse trabalho, o seguinte axioma:

Todo ato humano ocorre na linguagem. Toda ação na linguagem produz o mundo que se cria com os outros, no ato de convivência que dá origem ao humano. Por isso, toda ação humana tem sentido ético. Essa ligação do humano ao humano é, em última instância, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro.^{11:269}

Assim, partiremos da compreensão de que não existe ato humano fora da linguagem; que todo ato humano se dá com o outro, na relação; que toda ação humana é linguagem, assim como toda linguagem é ação humana; que são a partir das interações que produzimos coletivamente; que esse mundo é um acerto de condutas coletivas entre nós humanos ao longo da nossa existência.^{4-9, 11-12}

[...] o que está envolvido no aprender é a transformação de nossa corporalidade, que segue um curso ou outro dependendo de nosso modo de viver. Falamos de aprendizagem como da captação de um mundo independente num operar abstrato que quase não atinge nossa corporalidade, mas sabemos que não é assim. Sabemos que o aprender tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações”.^{6:60}

Lembremos Freire,¹³ em Educação e Mudança, que já afirmava que nós, seres humanos, somos seres de relações e não estamos apenas no mundo, mas sim, com o mundo. Assim,

somos seres capazes de transcender e objetivar a nós mesmos, e ainda de distinguir. Nessa perspectiva é que compreendemos a nossa realidade, mas só o fazemos com o outro, na convivência, como afirma incansavelmente Maturana, no conjunto da obra. É a corporalidade, que também nos identifica como seres humanos, a mesma que nos diferencia dos demais seres vivos. Somos essa corporalidade que nos torna capaz de nos relacionar uns com os outros, mas também de nos projetarmos em outros,¹³ princípio ético fundamental que compactua com a antropo-ética de Morin.¹⁴ Morin quando afirma que “não desejar para os outros, aquilo que não quer para você” expõe a condição da antropo-ética, balizada em três elementos: indivíduo, sociedade e espécie. Morin defende a interligação destes três elementos desde *O paradigma perdido: a natureza humana*. Esse princípio ético fundamental nos faz desde já apostar numa coexistência no respeito e no amor.

Compreendemos que toda ligação entre humanos é um fundamento da ética em qualquer discurso, em qualquer tempo, legitimando a presença e a importância do outro na condução de si e da vida em grupo. Por que ao nos movermos no domínio de ações, nos emocionamos e emocionamos, o que constitui distintas disposições corporais, que na condição de expressão amorosa nos atrai para o convívio.⁶⁻⁷ Os valores estabelecidos para a condução da vida na coletividade se referem a um acerto complexo entre os sujeitos implicados nesse desafio. Pois, compreendemos que é no convívio que a conduta ética se revela.

II. GINÁSTICA GERAL COMO APOSTA ÉTICA, PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA

No campo da especulação, quando perguntamos a um grupo de professores, isoladamente, sobre o propósito da educação, logo teremos algumas respostas que podem caminhar para justificar essa prática quanto a sua utilidade na sociedade. Por outro lado, compreendemos que as respostas podem se distanciar, dado os diferentes entendimentos políticos que cada professor tem sobre o projeto educacional. Ao perguntarmos, seja qual for a resposta, a mesma implicará diretamente na perspectiva política desse professor frente a sua prática.

Compreendemos que, ainda na formulação das perguntas, nós nos comprometemos politicamente, por que já nesse instante nos articulamos, pensamos e dialogamos a cerca de um projeto que não se encerra na ação do ensinar, mas nas orientações que regem a prática

docente quanto ao projeto de cidadão, cidadania e de sociedade que nós professores nos lançamos junto com os nossos alunos. Esse comprometimento é uma manifestação viva de uma prática ética e política do fazer educativo. Portanto, ao nos perguntarmos sobre a prática educativa — o que é educação, para quem educar, por que educar? Entre outras questões de mesma ordem semântica — revelamos a constante preocupação ética e política com as pessoas envolvidas em nossa ação pedagógica. Revelamos ainda, possibilidades que exigem escolhas no campo político. Ao eleger os caminhos somos responsáveis não só pela escolha em si, mas no que ela representa para a vida dos envolvidos na prática pedagógica.

A compreensão ética e política exposta até aqui não se reduz à reflexão crítica sobre determinados valores presentes no comportamento humano em sociedade, mas no conjunto de atitudes que integram seres humanos numa convivência escolar que, implica na coexistência entre pares, na reprodução, transformação e construção de valores/conduas e dos demais saberes que circulam a prática da ginástica e da vida. O conjunto que agrega esses sentidos configura uma dimensão sociopolítica da formação dos sujeitos envolvidos, assim como, da própria prática que nos confraternizam.

A partir da análise da prática pedagógica no GGTP, pautada na convivência entre humanos, o conteúdo aqui apresentado constitui exercício de voltar-se para uma prática educativa, como um fazer essencialmente humano que abarca saberes de ordem política e ética, constituídas no viver de seus partícipes, considerando os princípios da idiosincrasia e da aceitação do outro. Um exercício que recomendamos e insistimos como uma tarefa constante, exercitada na convivência.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca.⁶⁻²⁹

Compreendemos que o ser e o fazer do aprender com o outro são inseparáveis: “[...] todo conhecer é ação efetiva que permite a um ser vivo continuar sua existência no mundo que ele mesmo traz à tona ao conhecê-lo”.^{5:23} Pelo exposto, dividimos com Maturana e Varela¹¹ o entendimento de que é durante a trajetória de vida que construímos além do nosso conhecimento do mundo, o mundo e nós mesmos, influenciando e sendo

influenciado, nos modificando pelo que experienciamos num processo recursivo de aprendizagem que se dá na convivência. Havendo convívio, há experiências. Havendo experiências há troca, elaboração, tomada de conhecimento. Portanto, conhecer é um processo contínuo, ininterrupto desde que haja convivência. Assim investimos na ideia de que a própria apreciação de nossa condição diante do outro, da vida e de nós mesmos é um convite à compreensão da nossa existência junto há outros. Esse investimento revela a dimensão sociopolítica e ética da nossa prática pedagógica que se complementa na ideia de educar.

Para nos manter coerentes com nossas questões de estudo, na busca de demonstrar como as dimensões sociopolítica e ética podem contribuir para pensar a Educação Física na escola, partindo do pressuposto de que “o amor é a biologia da aceitação do outro”⁷ e que é o amor um dos princípios fundamentais da convivência. Compartilhamos a compreensão de que é no amor que se educa.⁸ A reflexão que fazemos no decorrer desse texto, traz as interações como um fenômeno que se dá no linguajar e nas emoções, sendo o amor à emoção que agrega e que produz conhecimento. Essa compreensão constitui a perspectiva humana que estamos dimensionando para a educação e, conseqüentemente, para a Educação Física, no tocante a convivência entre os sujeitos do GGTP. Essa perspectiva da educação humana se constitui na experiência pedagógica vivida pelos sujeitos envolvidos, no tocante ao afazer, quando nos referimos especificamente a ginástica geral.

Afirmarmos que a ginástica geral expressa qualidades humanas cujas características podem remeter ao altruísmo e a formação humana. Quando expressamos ao longo do texto os fragmentos de memórias dos sujeitos investigados, expomos parte das ações formadoras dessa prática que não se restringem ao exercício gímnico. As ações pedagógicas se ampliam à medida que consideramos a convivência e seus componentes como manifestação dessa educação que humaniza e não embrutece o ser.

Reiteramos que a educação humana preconiza uma formação ética, **formação está que se dá a partir da interação entre humanos** no linguajar e no amor. Pois, ao amar nós nos transformamos e transformamos o lugar e as pessoas do nosso convívio, construindo assim a história do nosso viver em coletividade. O que nos faz lembrar a educação autêntica, na perspectiva de Freire¹⁵ que preconiza uma educação de um *com* o outro. O que preserva o

entendimento de democracia, segundo Maturana,⁶ como manifestação política dessa educação. “Essa ligação do humano ao humano é, em última instância, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro”;^{11:269} e nessas circunstâncias, ligar-se ao outro é aceitar o outro como legítimo outro da convivência, expressão máxima de amor.

Pelo exposto, acreditamos que a ginástica geral é um afazer que se constitui uma possibilidade de resignificar o contexto das práticas pedagógicas tradicionais da escola. Considerando que a ética se constitui nas relações e nelas repercute, e que, a ginástica geral é uma atividade coletiva que só é possível na relação entre indivíduos de forma democrática. Assim, afirmamos que a GG é uma atividade que parte de valores humanos comuns e que precisam ser preservados para a manutenção da própria identidade da atividade.

Portanto, a ginástica geral ao ser inserida no universo escolar, apresenta-se não só na sua dimensão gestual, mas principalmente, no seu conteúdo ético e político. É esse conteúdo que manifesta a possibilidade de uma ação pedagógica humanizadora, ideia à qual defendemos. Destacamos que a referência da ginástica geral em si não constitui as dimensões ética e sociopolítica da prática, mas sim as referências da própria prática pedagógica, que é viva, por envolver além do gestual codificado, pessoas interagindo num espaço comum a partir de um objeto de desejo, também comum.

No intuito de ilustrar e exemplificar o que queremos afirmar, apontamos a própria produção de textos que constitui o nosso *corpus de análise*:¹ a produção dos textos em si são frutos do engajamento político entre os envolvidos no ProGin. Esse engajamento objetivou, entre outras coisas, registrar e documentar a breve trajetória do GGTP. O conteúdo desses textos traz os valores que constitui na prática uma ética que não se dá de forma estanque, mas sim, de forma dinâmica. Não é apenas a partir da ginástica geral que as dimensões ética e sociopolítica se constituem, mas a partir da forma pela qual o afazer foi posto para o grupo de alunos, considerando a conversa, o diálogo, a boa convivência e o amor como elementos fundamentais do processo formador perspectivado na humanização. A partir da seguinte afirmação “no processo de humanização, a aprendizagem desempenha um papel primordial: o de assimilação da existência social”,¹⁷

compreendemos que a convivência constitui o campo das experiências, situação em que reconhecemos e somos reconhecidos como o legítimo outro da relação: condição da nossa existência social. Essa convivência constitui lugar em que nós sujeitos estabelecemos as relações sociais e, assim, existimos.

Cercam o GGTP valores/conduitas que tecem a identidade ética do grupo, assim como da própria prática pedagógica, e esse fenômeno é recíproco. A conduta dos ginastas desse grupo, por exemplo, vestem-se de alguns valores, como respeito, benevolência e solidariedade. Considerando a forma na qual os sujeitos envolvidos se relacionam no GGTP, compreendemos que essa forma de relações constitui a ética própria do grupo. Observamos a concretização dessa ética amorosa nas diferentes falas ao longo do livro, *Ginástica Geral na Escola Pública – anotações e saberes do um conviver pedagógico*,¹ quando são expressas, entre outras coisas, o cuidado com o outro, manifestação do que estamos compreendendo companheirismo. Posto o exemplo de como essa prática ética amorosa se dá na prática pedagógica, compreendemos que a ginástica geral é uma ação pedagógica que humaniza.

A aceitação do outro na convivência também constitui um campo em que existimos numa dimensão política. O sujeito decide o lugar, o desejo e as pessoas que cercam o seu existir, por outro lado, esse mesmo sujeito se submete a aceitação dos outros na existência. O que nos leva a compreender que ninguém existe sem o outro, logo, precisamos do outro para existir. Assim, quando dois ou mais sujeitos se envolvem num projeto comum, e ainda, que envolve obviamente um objeto de desejo, também comum, os mesmos passam a coexistirem. Essas decisões que circulam o cotidiano do convívio constituem um exercício essencialmente político que não se encerra na atitude de decidir, mas no desenrolar das tomadas de decisões.

Associando a perspectiva sociopolítica da *pedagogia do amor*,⁹ investimos na ideia do diálogo como ação essencial na existência do ser na ética. O diálogo pressupõe saber ouvir, escutar, estar aberto a diferenças e pluralidade dos modos de ser e pensar do outro, é suspensão de crenças. Implica confiança, acolhimento, reflexão sobre outros componentes éticos. O diálogo em Paulo Freire^{15,17} é reflexão sobre si, sobre o mundo, entre sujeitos que se relacionam socialmente. O diálogo pode ser percebido nesse autor como dimensões do

modo de estar, ser, viver, sentir e pensar do sujeito no mundo, e ainda, podemos compreendê-lo como um operador de mudanças e transformações das ações humanas, seja nas práticas sociais, educativas, pedagógica, no âmbito da escola, na relação de ensino e da aprendizagem. Portanto, compreendemos o diálogo como o fenômeno que envolve a palavra, a história, o testemunho do outro, todos, fontes de saberes. Compreendemos ainda, o diálogo como um operador político, no engajamento dos indivíduos, na manutenção e subsistência de si e do coletivo, a partir de um desejo que congrega.

Compreendemos que a conduta humana é uma condição deste compartilhar que envolve sujeitos na convivência, através da conversa e do diálogo. A partir dos nossos atos, formamos um conjunto de experiências que caracterizam as condutas no GGTP, experiências essas vividas, sentidas e acumuladas pelos seus integrantes (*história de interações*) e que constitui uma ética circunstancial, provisória, pois está sempre se transformando, no curso das interações recursivas, envolvendo sujeitos.

O que nos ensina a convivência entre os sujeitos do GGTP é uma perspectiva ética pautada na coexistência a partir do respeito e da aceitação do outro, da partilha e soma de conhecimentos, da cooperação no afazer e da benevolência manifestação do amor. Essa ética altruísta a qual nos referimos não é um projeto unilateral, pensado pelo professor ou outro sujeito, mas constitui-se a partir da convivência que reúne pessoas em torno de um desejo comum, a ginástica geral. Uma ética que se reconstrói a cada dia, no exercício mútuo e democrático em que estabelecemos relações sociais.

Se não aceitamos a presença do fluir emocional num discurso não o compreendemos, e se não nos ocupamos do propósito criativo do discurso democrático, se não nos inteiramos de que a democracia pertence ao desejo e não à razão, não seremos capazes de viver em democracia, porque lutaremos para impor a verdade [...] A tarefa de criar uma democracia começa no espaço da emoção com a sedução mútua para criar um mundo no qual continuamente surja de nossas ações a legitimidade do outro na convivência, sem discriminação nem abuso sistemático.^{6:77}

A dimensão ética da experiência pedagógica a partir do GGTP suscita uma orientação política de base democrática, só possível no campo das interações, pois segundo Maturana⁶ o interagir só é possível num sistema político democrático. Para o autor,⁶ a democracia consiste numa política do cotidiano que nos exige atuar sabendo que a verdade não é

absoluta e que a mesma não é propriedade de nenhum sujeito ou grupo de sujeitos, e que o outro é tão legítimo quanto qualquer um na convivência. Sobretudo, “uma oportunidade para colaborar na criação cotidiana de uma convivência fundada no respeito que reconhece a legitimidade do outro num projeto comum”.^{6:75} Para Maturana,⁶ o viver na democracia exige aceitar que o projeto de uma ordem social, de fato, é uma conspiração fundada num desejo de convivência.

A partir de Delors,¹⁸ considerando que a UNESCO elegeu o aprender a conviver como um dos seus quatro pilares, ao estabelecer metas para a política das nações do mundo para a educação, acrescentamos que a convivência é um fenômeno de reconhecimento mútuo, e também, de respeito e benevolência com o outro, essencial para uma cultura de paz e respeito mútuo. Concordamos com a tese de que a convivência constitui-se em uma prática amorosa e política entre humanos, que permite a coexistência e a vida em sociedade.⁸ O respeito e a benevolência mútua entre os sujeitos correspondem a uma existência amorosa que preserva os mesmos numa unidade política democrática.⁹ Portanto, a convivência além de essencial para concretizar um projeto político democrático, é em si uma manifestação política, afetiva e existencial da nossa espécie.

Para Maturana⁶ as relações humanas acontecem sempre a partir de uma base emocional que nos unifica em um projeto, um projeto que a priori é de convivência. Ao compreendermos que o projeto que nos uni no GGTP é a ginástica geral, cuja base emocional que nos unifica corresponde tanto as *Condutas relacionais da boa convivência*, como as *Condutas relacionais indesejáveis e as não-sociais*. Compreendemos que, a base emocional é também, a base ética do GGTP. A base ética do GGTP é calcada em condutas não sistematizadas ou impostas, mas que nasce da história de interações de cada sujeito e do compartilhamento dessas histórias particulares entre os membros do grupo. A ética que estamos falando não foi convencional, imposta ou proposta, ela é contingente, surgiu na coexistência, no exercício do linguajar e do amar, no fazer que surge no fluir em coordenações de conduta de coordenações de conduta consensuais na convivência, de forma engajada e democrática.

Considerando o projeto pedagógico do GGTP, na perspectiva das dimensões ética e sociopolítica, a educação está para seus integrantes na perspectiva de formar cidadãos

capazes de criticar, sugerir, reivindicar e transformar a realidade, respeitando o processo democrático que reuni seus integrantes – eu e meus alunos – na convivência; sendo eles conhecedores dos direitos, assim como dos deveres, engajados em um projeto comum, conscientes do desejo que constitui esse projeto e dos princípios éticos apreendidos e corporificados na prática esportiva/educativa; é uma educação que serve aos próprios sujeitos envolvidos, assim como ao coletivo, na condição de reconhecê-los como aqueles que desejam, possuem vontades e necessidades próprias, mas que são consciente do apelo coletivo para a coexistência e, portanto, do apelo prioritário da necessidade coletiva; é uma educação que nos permite, professor e alunos, exercitar não só os músculos e articulações, mas o amor, a indulgência e a responsabilidade uns com os outros, seja no cotidiano das práticas, referindo-me ao fazer gímnico, seja nos outros campos da vida. Assim, compreendemos que a democracia é a dimensão política da ginástica geral, essencial para a constituição circunstancial de um campo de interações em que o conjunto ético é instituído e, no qual, os sujeitos envolvidos nessa prática pedagógica aprendem e criam no experimentar juntos.

REFERÊNCIAS

¹GAMA, L. R. O estado da arte em ginástica geral (ginástica para todos) no tocante a escola, a ética e a formação humana: In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 5., Campinas, 2010. **Anais...** Campinas: SESC: UNICAMP/FEF, 2010.

²BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

³MARCHIONNI, A. **Ética: a arte do bom**. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁴MATURANA, H. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

⁵MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997.

⁶MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

⁷MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

⁸MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

⁹MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. **Formação humana e capacitação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁰ALMEIDA, M. C. O método 6: ética. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 27, ago. 2005.
Disponível em:

<http://revcom2.portcom.Intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewfile/445/392>.

¹¹MATURANA, H.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2002.

¹²MATURANA, H.; VARELA, F. J. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese – a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

¹³FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

¹⁴MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 3. ed. São Paulo: Cortez: 2005.

¹⁵FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

¹⁶NÓBREGA, T. P. (Org.). **Livro didático 3**: o ensino da educação física de 5ª a 8ª séries. Natal: Paidéia, 2005.

¹⁷FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹⁸DELORS, J. et. al. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
